

Resenha

Françoise Dolto: cultura, psicossomática e clínica

Pires, L.P. (Org.)

São Paulo, SP: Blucher, 2023, 222 p.

As marcas de Françoise Dolto: ressonâncias do impossível de uma transmissão

Marina Belém Lavrador

Qual a herança deixada por Françoise Dolto? De certa forma, essa é a questão que permeia todos os textos do livro “Françoise Dolto: cultura, psicossomática e clínica”, organizado por Luciana Pires e lançado no início de 2023. No prefácio, é esclarecido que ele é derivado de um evento organizado pela própria Pires, Juliana Braga, Vitoria Whateley e Miguel Fausto em 2018.

Composto por onze textos originais, de diferentes autores, todos mobilizados de alguma maneira em suas pesquisas e práticas clínicas pelo trabalho dessa célebre psicanalista francesa, o livro é subdividido em três partes, de acordo com a composição da organização das mesas do evento originário: “Cultura”, “Psicossomática” e “Clínica”. Vislumbramos a cada página que, conforme ressalta Miguel Vallim em sua própria contribuição ao volume, não se trata aqui de homenagear Dolto, mas sim da tentativa de cada autor de “se apropriar de sua herança”, ou seja, de dar destino à sua transmissão.

O resultado é uma leitura agradável e fluida, a partir da qual apreendemos certos pontos nodais que perpassam a obra da autora – tanto no que tange a uma vertente conceitual, quanto a uma posição ética. Alguns eixos são reiteradamente frisados na maior parte dos trabalhos, sendo talvez o principal deles a ênfase na contribuição radical e revolucionária de Dolto, ao considerar o bebê e a criança como sujeitos de desejo e seres de linguagem, desde o princípio

* Psicanalista e psicóloga. Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Membro do Laboratório de Psicanálise, Saúde e Instituição (USP) e membro da equipe do Lugar de Vida –Centro de Educação Terapêutica, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: marina.lavrador@gmail.com

da vida, ou mesmo antes de nascerem. Mais do que isso, destaca-se uma posição ética da autora, na sua forma de se posicionar diante da criança, dirigindo-se a ela, em certo sentido, de maneira horizontal, e sustentando que se fale com ela acerca das verdades que lhe dizem respeito e que a constituem, por mais duras que sejam. Assim, Dolto toma o desejo da criança, e sua verdade, no mesmo patamar que o desejo do adulto, atribuindo-lhe lugar de sujeito pleno.

Mencionamos as crianças, um dos principais públicos por quem Dolto trabalhou, mas na realidade, o que os diversos autores dessa coletânea apontam é que tal aposta no sujeito, bem como a suposição radical de que há sentido e expressão de linguagem nos mais variados gestos e manifestações humanas, estende-se para além da infância. É notável como a autora sustenta essa mesma posição de respeito e suposição radical de um sujeito diante de muitos outros que são considerados “menores” ou “incapazes” pela sociedade – como os deficientes, os “débeis”, os psicóticos e os autistas.

Outro ponto da obra de Dolto trabalhado em diversos textos da coletânea são leituras do que é destacado por alguns dos autores como sua principal contribuição teórica: o conceito de imagem inconsciente do corpo.

É interessante pontuar que, ainda que esses mesmos temas sejam retomados em boa parte dos textos aqui reunidos, a leitura dessa coletânea não é repetitiva, morosa, e tampouco nos defrontamos com jargões ou frases de efeito que remetem a um certo “lugar-comum”. Pelo contrário: encontramos um ineditismo em cada capítulo, ficando claro como cada autor traz seu recorte, sua forma singular de se apropriar da transmissão de Dolto. Cada um comparece aqui, portanto, como sujeito, diretamente implicado no texto – e nada poderia ser mais “doltoniano”.

A forma como o livro é estruturado e organizado – em “várias vozes”, singulares, que compõem uma conversa, mas não se completam ou se esgotam – em si evoca um dos aspectos que compõem a obra de Dolto, destacado por Pires e Vallim: seu caráter não homogêneo, multifacetado, comparado por Pires em seu prefácio com um pastiche que pode ser olhado por diversos ângulos, mas cujo desenho total fica nebuloso. Dolto não é uma autora cuja produção tem como efeito “fazer escola”. Embora eu tenha me aventurado a utilizar essa palavra no final do parágrafo acima, não escutamos recorrentemente no meio psicanalítico alguém que se declare “doltoniano”. Por sua vez, ainda que aparentemente com pouca incidência no campo da psicanálise, a vivacidade dos textos dessa coletânea é testemunho dos efeitos da transmissão de Dolto. Que transmissão, então, é essa? Como ela se deu e se dá, e quais as marcas deixadas pelo trabalho da autora, na cultura e na comunidade psicanalítica?

É justamente em torno do tema da transmissão de Dolto e suas amplas ressonâncias extramuros dos consultórios e das escolas de psicanálise, ou da academia, que se debruçam os textos contemplados na primeira parte dessa trajetória, intitulada “Cultura”. Embora, no campo da psicanálise, a autora por vezes fique em um lugar marginal, quase que à parte, ou reconhecida com concessões (como se fosse unicamente uma clínica muito intuitiva, por exemplo, e não uma autora com proposições próprias), os textos dessa subdivisão destacam as marcas e os frutos que Dolto deixou no campo da pólis, da vida cotidiana, e de toda uma geração de franceses, ressaltando iniciativas fundamentais da psicanalista que incidem no laço social.

Assim, Vitoria Whately abre o volume nos presenteando com um saboroso texto que destaca as ressonâncias e impactos da obra de Dolto na cultura francesa, no que tange ao coloquial, cotidiano. Por outro lado, explicita como a produção da psicanalista é em si permeada e construída a partir de tais aspectos informais e pelas suas próprias experiências, desde a infância.

A seguir, Miguel Vallim nos apresenta com uma discussão acerca da transmissão e herança de Dolto, que na opinião do autor não pode ser desvinculada de sua figura histórica. Ele destaca três diferentes facetas de sua obra, três formas de considerar quem foi Françoise Dolto na história: Dolto teórica – as contribuições conceituais da autora –, Dolto clínica e, por fim, Dolto política. Em relação ao último ponto, o autor localiza as diversas iniciativas e proposições da autora que concernem ao campo social, como é o caso da criação das famosas *Maisons Vertes*, e da sua polêmica participação, por anos, em um programa de rádio, destinado a responder cartas de pais ou familiares com questões acerca da criação e educação de seus filhos.

Alinhada com Vallim, Cristina Kupfer também sustenta que, para pensar os efeitos da transmissão de Dolto, é preciso um olhar sobre ela própria, enquanto sujeito de desejo. Kupfer retoma, então, aspectos da história da autora (fornecidos pela própria Dolto, em seus relatos autobiográficos) e aponta que o desejo de transmitir uma certa posição acerca das crianças estava ali presente desde o princípio, para além do desejo de as tratar. Para Kupfer, as falas de Dolto em seus programas de rádio marcaram toda uma geração e tiveram efeito de transmissão – bem como foram alvo de inúmeras críticas – não pelo conteúdo do que era dito em si, mas sim por constituírem um testemunho de seu desejo e estilo próprio, singular, de se haver com a falta.

Em direção semelhante, Luciana Pires fecha essa primeira parte do livro, propondo em seu texto uma interessante discussão acerca do estatuto da verdade na psicanálise e no encontro humano – tema que é um dos pilares da obra de Dolto. Pires ressalta a relevância da posição da psicanalista, ao atribuir peso e estatuto de verdade às fabulações infantis. Para a autora, os efeitos considerados quase mágicos, surpreendentes, das intervenções de Dolto diante de casos por vezes extremamente graves, têm muito mais relação com a aposta da psicanalista de que tais pacientes estariam dizendo algo com seus gestos e manifestações, por mais estranhos que parecessem, do que com uma decodificação exata do sentido oculto de tais comportamentos. Por fim, realiza uma importante discussão, de modo a diferenciar tais verdades infantis da produção de “fakes” que tanto vigora em nosso mundo contemporâneo.

Já na segunda subdivisão do livro, intitulada “Psicossomática”, outro eixo da herança de Dolto é explorado: a interface entre a sua prática como psicanalista e a clínica médica – lembrando que Dolto era pediatra de formação. Os textos aqui destacam as contribuições que a autora deixou para os campos da puericultura e da saúde mental na infância e adolescência, bem como realizam construções em torno do seu conceito paradigmático de imagem inconsciente do corpo. Assim, é em torno de uma noção de corpo construído intrincado com o que é psíquico e subjetivo, bem como na interface com o campo médico, que Florência Fuks, Wagner Ranña e Miguel Fausto desvelam suas contribuições nessa segunda parte da coletânea.

Fuks, pediatra, propõe uma fundamental discussão que articula psicanálise e psicossomática com pediatria. Seu texto é implicado, franco e, na minha opinião, urgente, em um mundo contemporâneo que tem reduzido as manifestações do corpo do bebê e da criança a um organicismo que leva, como denuncia a autora, a que certas manifestações sejam tomadas quase que automaticamente dentro do viés da patologia. A autora faz uma espécie de resgate, ao restituir ao campo da pediatria a importância de considerar as questões do desenvolvimento e do campo relacional.

Na mesma direção, Wagner Ranña destaca o trabalho de Dolto como teórica sobre o corpo, como pediatra e, finalmente, suas contribuições para o campo da psiquiatria da infância e adolescência, que ele nomeia de “Dolto antimanicomial”. Mais uma vez, vemos aqui o autor se colocando diretamente no texto, abordando a influência da autora em seu próprio trabalho

clínico como psicanalista, pediatra e psiquiatra, bem como na interlocução e compartilhamento de casos com outras especialidades médicas, na atenção básica e especializada de saúde. Ranña trabalha o conceito de imagem inconsciente do corpo, para em seguida, articular tais discussões teóricas com um rico caso clínico em que ocorreu uma investigação de um distúrbio de micção, em parceria com uma equipe médica de nefrologia pediátrica.

Encerrando essa segunda parte do livro, Miguel Fausto realiza uma ousada articulação entre o campo da psicanálise e das neurociências, para avançar nas discussões em torno do corpo e da mente. Em um mundo em que o discurso médico e neurocientífico está tão inflado, por vezes sendo colocado como único saber sobre os corpos e as infâncias, Fausto subverte o lugar-comum ao promover uma discussão que coloca os dois saberes – médico e psicanalítico – em pé de igualdade, horizontalmente. Por sua vez, provoca também os psicanalistas, que tantas vezes fazem resistência ao saber médico simplesmente se colocando em oposição a ele, apontando como pesquisas neurocientíficas podem contribuir para a teoria psicanalítica. Aqui, poderíamos fazer uma analogia com a posição da própria Dolto, ao colocar no mesmo patamar a verdade da criança e do adulto.

Por fim, adentramos a terceira parte do livro: “Clínica”. Se Dolto contribuiu e deixou uma marca evidente em campos extramuros da psicanálise, é também como clínica notável que ela é comumente lembrada e reconhecida pelos psicanalistas – de diferentes vertentes teóricas, inclusive. As autoras que compõem essa terceira parte, assim, se debruçam sobre relatos clínicos de Dolto, trazendo a partir deles, articulações próprias, tanto concernentes às leituras do caso, quanto no que tange aos desdobramentos e construções teóricas suscitados por eles.

Carmen Molloy e Júlia Ferreira iniciam essa empreitada fazendo a leitura de um dos casos que a autora relata no seu livro *Psicanálise e Pediatria*, derivado de sua tese de doutorado e de seu trabalho na juventude no Hospital Vaugirard, quando começa sua prática como pediatra e psicanalista. Trata-se de um caso de enurese infantil. A riqueza do registro realizado por Dolto permite que elas façam uma leitura minuciosa da intervenção realizada, a partir de conceitos próprios da psicanálise lacaniana, que contribui para pensarmos a clínica psicanalítica com crianças e as fronteiras da intervenção médica e psicanalítica.

Já os últimos três capítulos do livro abordam de diferentes maneiras um dos casos clínicos mais emblemáticos da autora, cujo tratamento, composto por doze sessões, foi minuciosamente relatado: o caso Dominique, um adolescente psicótico que chega para atendimento aos 14 anos.

Juliana Braga ressalta que o trabalho em torno desse caso é paradigmático não só pelo seu valor clínico, mas também teórico: nele a psicanalista desenvolve alguns de seus principais conceitos, como o de castrações simboligênicas. Braga nos apresenta o caso e realiza, a partir de tais teorizações de Dolto, uma interpretação própria da psicose de Dominique.

A seguir, Christiane Carrijo se debruça sobre uma das sessões do caso, a segunda, procurando fazer uma leitura do que operou ali e uma articulação com talvez o conceito mais importante de Dolto: a imagem inconsciente do corpo.

Por fim, Cybelle Assal se debruça sobre a penúltima e a última sessão de Dominique, intencionando discutir o lugar dos pais na clínica psicanalítica com crianças. É interessante o contraste entre o texto de Assal e o texto de Carrijo, em que uma escolhe se debruçar sobre o início do tratamento de Dominique, e outra sobre o desfecho. A partir dos textos de ambas as autoras, notamos uma diferença na posição do pai do adolescente nesses dois momentos. Assal questiona, ainda, a decisão e o manejo de Dolto no momento de interrupção do atendimento, de forma bastante respeitosa, mas também reflexiva, promovendo uma discussão essencial para

a psicanálise com crianças, acerca dos limites, desafios e cuidados nos manejos com os pais no tratamento.

Todos os textos da parte “Clínica” explicitam a generosidade de Dolto, ao registrar e publicar com detalhes as produções de seus pacientes e suas próprias intervenções com eles, sem receio de se expor. Se é possível que essas autoras realizem leituras próprias e até questionem o sentido de algumas das intervenções de Dolto, isso se deve a ela ter deixado como herança construções clínicas e relatos sessão a sessão, podendo dessa maneira, como destacou Kupfer, transmitir também a sua falta – o que é material valioso para o campo psicanalítico.

Qualquer psicanalista que se propõe a atender crianças se defronta com a atualidade da relevância da obra de Dolto: se muito saber se produz, na contemporaneidade, sobre a infância, nos nossos consultórios seguimos nos defrontando com o fato de que à criança é delegado o lugar de objeto. Incontáveis são as cenas em que os adultos, com uma criança presente, ou não lhe falam do que está acontecendo, como se pudessem poupá-la de todo o mal, ou falam dela e sobre ela como se ela não estivesse ali, não pudesse escutá-los.

Talvez se trate de um impossível romper, ao menos em totalidade, com esse lugar que a criança acaba ocupando no laço social, uma vez que tal aspecto não diz respeito ao campo da informação cognitiva. Os pais mais amorosos, os educadores mais bem-intencionados, os adultos mais estudados, tropeçam diante do recalcado que as crianças, quando de fato escutadas, trazem à tona. Dolto sonhava um mundo em que a criança pudesse ser reconhecida como sujeito, em que esses desencontros pudessem ser atenuados, em que certos sofrimentos promovidos pela educação pudessem ser prevenidos. Em sua utopia, nesse estilo particular de negar a falta, como nomeia Kupfer, por sua vez, nos oferece uma direção e uma bússula ética para trabalhar, como analistas de crianças, de bebês, dos casos ditos graves, ou de todos aqueles que são destituídos de suas vozes, como se nada pudessem entender e nada tivessem a dizer. A aposta em um sujeito, sujeito de linguagem, sujeito de desejo e que pode se responsabilizar por ele, bem como por suas próprias saídas sintomáticas: essa é a posição ética que Dolto nos ensina e inspira a sustentar diante desses e de outros casos.

Certamente, não podemos deixar de olhar com alguma ironia o lugar quase “marginal” que Françoise Dolto acabou assumindo no campo psicanalítico. Talvez não restasse outro a uma mulher que se propôs a sair do intelectualismo e adentrar a pólis, a escutar e dar lugar aos loucos, aos bebês, às crianças, aos adolescentes, aos débeis, aos autistas.

Concluimos que é urgente que a psicanálise e os psicanalistas possam se apropriar da obra essencial de Françoise Dolto. Mais que isso: se ela mesma não sistematizou seu conhecimento, que seus leitores possam não homogeneizá-lo, mas compartilhar suas ressonâncias e de certa forma organizá-lo, de modo a ampliar o alcance de sua transmissão. Esses aspectos são alcançados nesse livro, que, dessa maneira, tem valor inestimável, como uma das poucas compilações brasileiras que trazem essa multiplicidade de olhares, recortes e leituras da produção de Dolto.

Boa leitura!

Recebido em outubro de 2023 – Aceito em novembro de 2023.